



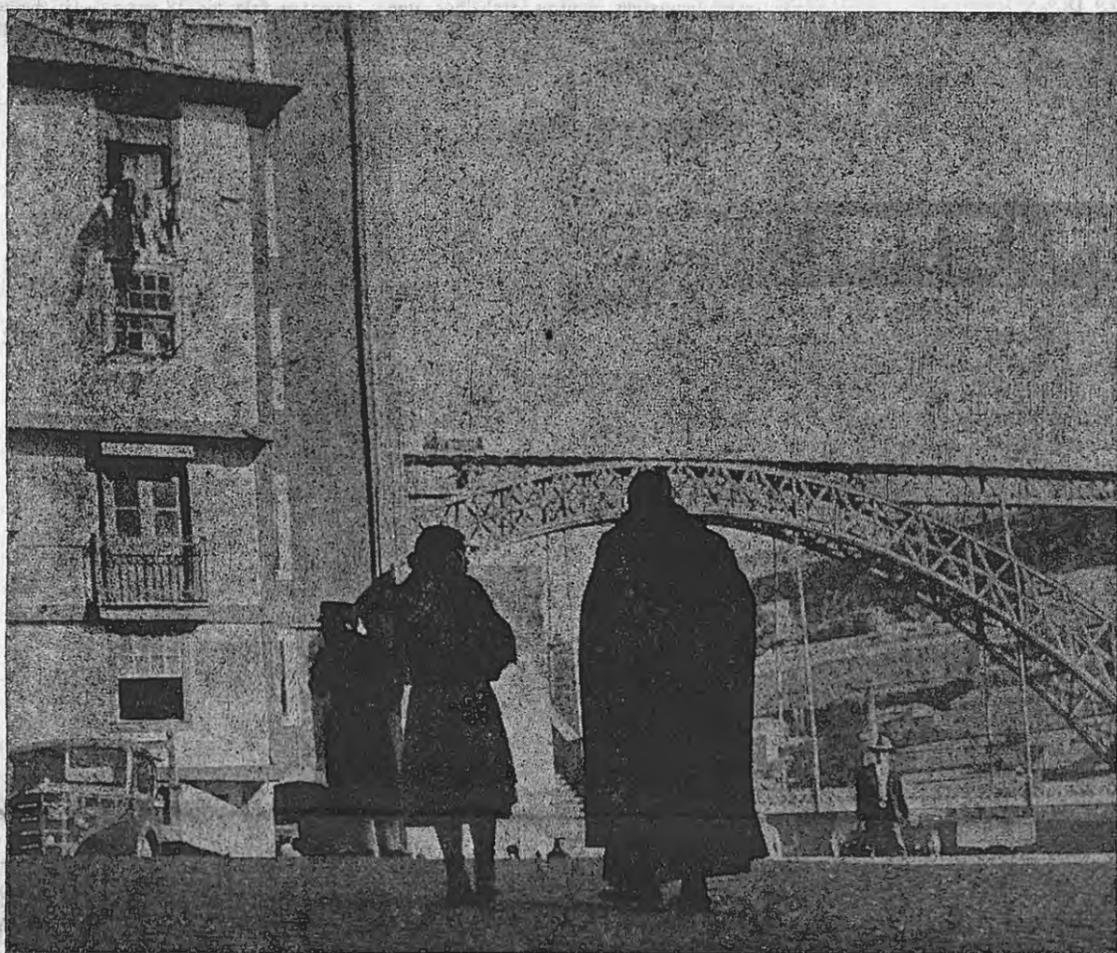
O Gaiato

Quinzenário * 19 de Julho de 1975 * Ano XXXII — N.º 818 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz



Pai Américo no extremo do Barredo (Porto). «Esta é a palavra mais funda que hoje existe em Portugal. Aqui é terra de Heróis, de Mártires e de Santos. Nós somos a vulgaridade» — acentuou.

Duas datas

Passando em 16 e 28 de Julho os aniversários, respectivamente, da morte e da ordenação sacerdotal de Pai Américo, sentimos que a melhor maneira de o lembrarmos, sem máculas ou deformações, seria trazê-lo às colunas de «O GAIATO» com um naco da sua prosa. Ei-la:

A carta a que hoje me reporto é uma das muitas que se recebem na Aldeia, sem assinatura. Não gosto. Antes queria que cada um firmasse a palavra com o seu nome próprio. Há dias, uma de um comunista trazia nome e morada, sim. Mas quê...? Vinha lá a dizer que não fizesse eu uso de uma coisa nem de outra. Cumpri por amor à virtude da lealdade. O mesmo foi que não trazer nome.

A carta de hoje é apaixonada. Tenho recebido outras, seguramente da mesma pessoa, porque da mesma paixão.

São cartas tendenciosas, perturbadoras. Eu, que tanto preciso de sossego, não fazia conta nem estou preparado para esta sorte de mensagens. Tão pouco para esta sorte de mensageiros.

Aqui há tempos apareceu-me um, cara-cara, bem vestido e bem falante. Assim como nas cartas, também ele começa pelo elogio à minha pessoa: levanta, encarece, proclama. Oh perigo! Assim começou este mensageiro. A seguir, descreve o panorama social do mundo: os males, os remédios. Finalmente, voz um nadinha exaltada, aponta o meu cabeção e irrompe: «Tire

isso daí pra fora; você não é padre. Você é um dos nossos».

Não lhe perguntei, nem ele disse quem era; por isso mesmo, não sei o que seria se fosse um dos dele.

A carta a que me reporto tem tiradas semelhantes:

«Sei que você não pode libertar-se da tutela do seu clã, que lhe falta a coragem dos mártires. Quem o impede de ser sincero consigo próprio, de romper de vez com o erro, com as superstições em que não crê, com a adulteração dos princípios cristãos?»

Toda a carta é um vulcão. O seu autor, põe-me nas alturas. Acha bem tudo quanto eu faço, menos o cabeção:

«Disponha-se a sofrer mais, a perder o beneplácito dos mandões, a ser excomungado, escarnecido, vaiado, apunhalado como Cristo foi na Cruz.»

Vê-se um Irmão da Igreja Reformada a falar. Aflige-se. Tem pena de eu ser um padre da Igreja Católica — Aquela que sempre foi! Cuido que se trata de um protestante sincero. Deus o ajude. Somente gostaria que a mim, padre católico, fosse atribuída a mesma sinceridade: «Quem o impede de ser sincero consigo próprio?»

Ora eu levanto aqui à minha voz e pergunto ao mundo inteiro se jamais algum mortal é

CONTINUA NA QUARTA PAGINA

Setúbal

Eu não tenho escrito para «O GAIATO». Não tenho sido capaz.

Não quero ferir ninguém. Hoje faço-o porque muitos amigos têm manifestado a sua inquietação pela minha ausência. Ando deveras confuso e preocupado. Creio ter sido sempre um revolucionário, sem armas na mão e sem truques e vejo-me neste momento cheio de responsabilidades, de dificuldades, de contradições.

As ajudas têm diminuído. A vontade de trabalhar de alguns Rapazes é fraca. A generosidade quase desapareceu. As dívidas aumentaram. O custo de vida subiu. Os problemas da miséria dominam-me.

Que hei-de fazer? Consola-me acreditar que a Força do Altíssimo não me abandonará. Aqui encontro energia para responder.

Hoje foi um caso de uma Abandonada de 30 anos, com 4 filhos, sem casa, posta fora da barraca pelo amante, com filhos do marido, do amante e da mulher do amante! Chorou, pediu, suplicou... que não tinha solução de ninguém!...

Há dias foi o de uma Mãe, Varredora do lixo da Câmara, abandonada também pelo marido. Sem casa. Mora com uma vizinha. Pediu por tudo que acudisse aos seus filhos que se fazem uns vadios.

Uma avó, do Casal das Figueiras que lhe acuda ao neto com más companhias. Não tem pai. Não tem mãe. Ela não pode. Ele já lhe bate.

É uma atrasada mental rejeitada também pelo homem, a viver numa espelunca, com sete filhos em extrema miséria recomendada por uma vicentina que me suplica ao menos por dois.

É outra em idênticas circunstâncias recomendada pelo pároco, com sete filhos também a pedir, ao menos para os dois mais velhos.

É uma professora primária de uma Escola vizinha, em carta escrita a rogar-me por dois sem pai e de quem a mãe nada faz, nem ela. Que a Guarda já os prendeu. Que fogem à Escola... A história de sempre.

E mais e mais e muito mais...

Eu gostaria de perguntar a quantos nos atacam com as palavras de ordem dos tempos novos — «Que as Casas do Gaiato não são para os nossos dias. Que encobrimos a miséria humana e evitamos o seu desenvolvimento, o que atrasou o derrube do fascismo.» E mais que a imaginação fútil do momento é capaz de botar fora! — que hei-de fazer agora?

E o que é que já se fez que trave a marginalização das pessoas? — Não vi nada! Que as Casas do Gaiato nunca deviam

Continua na QUARTA página

Próximo lançamento

«O LODO E AS ESTRELAS»

Já poderia estar pronto. Mas... a impressão da capa atrasou, por motivos imprevistos.

Não prometemos uma rápida expedição da obra. A exigência dos CTT, cumprindo integralmente as recomendações da UPU no interior do País, quanto à cintagem dos jornais, obriga-nos a tremendo esforço na distribuição de «O GAIATO»!

Além disso, nesta época do ano, os nossos Rapazes também têm direito a férias — como qualquer cidadão...

A propósito: como sairá para a rua em pleno Verão, «O LODO E AS ESTRELAS» será um bom companheiro de férias para muitos Leitores de vida ocupadíssima, sem tempo para leitura repousada em dias de trabalho.

Dedicamos o maior carinho no lançamento deste livro do nosso Padre Telmo, responsável pela Comunidade de Malanje (Angola). Além da sua oportunidade fica reparada uma injustiça: fora apreendido em 1960,

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

LACUNAS — Nesta faixa duriense, quem analisar, de perto, uma face do complexo problema dos Trabalhadores rurais — e outros — ficará pasmado.

Casos concretos:

São as Viúvas do benefício 1.7.3 da Caixa Nacional de Pensões — é assim o código cibernético? — ou seja a tal promessa de pensão de sobrevivência para as heroínas cujos maridos descontaram para a Previdência, sim, mas não para aquele benefício, continuando a comer o pão das dores e mais nada.

Qual o motivo do impasse? Promessas...?!

São as Septuagenárias da Lavoura, cujos maridos já recebem o subsídio-reforma das Casas do Povo, mas elas permanecem marginadas — em pleno Ano Internacional da Mulher, enfatizado de verbalismo.

Alto! Soubemos de uma Casa, dita do Povo, que iria procurar fazer justiça a todas as queixosas — são justas! — em face de discriminações publicamente reconhecidas.

Mas, até hoje, tudo como dantes! Já que estamos neste sector, delicado, onde os que se dizem cristãos o deveriam ser..., a gente o que vê?! Trabalhadores rurais ainda sem inscrição no Seguro Social!!

E muito pior...!

Tanta gente, ideologicamente interessada, mas, no concreto, cada um trata de si...!

Outra forma de alienação e de «obscurantismo», sim senhor.

Os cristãos, os vicentinos, não podemos ficar insensíveis, parados. Se Cristo fosse hoje, em carne e osso, no meio de nós, não recomendaria, não exigiria mais nem menos do que o Sermão da Montanha — enquadrado no Tempo...

RECEBEMOS — O correio trouxe um cartão de Aveiro:

«Vai em seu nome para simplificar (creio que assim será).

Já velha e doente, sinto ainda bem fortes as vibrações do penúltimo número de «O GAIATO».

Segue com este um cheque, enquanto é tempo de serdes vós a acudir a certas necessidades:

- para o Auto-Construtor em apuros 2.000\$00;
- para a vossa Conferência 2.000\$00.

(...) Através de «O GAIATO» saberei se recebeste, mas que o meu nome não apareça.

Vossa do coração...»

Por delicadeza, acusámos recepção pessoalmente; o que nem sempre acontece por dificuldades de tempo.

Caso curioso: horas depois bate à porta uma Vicentina! Grandeza d'alma a toda a prova. O habitual sorriso cristão. Sincero. Não de fachada. A dor pelos que sofrem. O critério mais certo e correcto, na acção. Disponibilidade!

— Trago a conta duma obra na

casa de F. Se for possível..., escusáramos de gastar o valor das quotas de um só mês... O carpinteiro é um homem muito sério.

O benefício foi na moradia duma Madalena, perseverante calvário de recoveiras e recoveiros dos Pobres, lutando contra toda a esperança! Não há outro método. Ninguém poderia ter a ousadia duma solução ideal. Só lutar contra toda a esperança...!

Continuemos:

A presença habitual da assinante 17740, «que nunca se esquece de rogar a Deus» por nós. A melhor fatia!

Mais 50\$00 da n.º 28053. Duas vezes mais de Soledade, tripeira. Em mãos, 40\$00 de uma Setubalense, que disse: «Devo a minha formação a «O GAIATO». Que responsabilidade, o pai pignus!

Mais 150\$00 de Lúcia, conimbricense. E 60\$00 do «2.º semestre, para a Conferência», do assinante 18223, do Porto. Um voto de 20\$00, da rua Alexandre Herculano, da capital: «Que Deus abençoe o vosso trabalho.» «Uma assinante do Jornal» com 50\$00. O dobro «por alma da minha Mãe e de meu Marido». Sufrágio cristão. Mais um!: 100\$00, de algures, pedindo «uma oração pela minha querida irmã que faleceu a 6 de Março». Vamos, todos, depositar as intenções nas mãos do Altíssimo.

Mais 50\$00 do assinante 25615, pedindo «uma oração pelo bom êxito de uns exames». Mais 500\$00 «de uma velha assinante», de Lisboa, «para uma necessidade mais imperiosa da Conferência». E outra carta que não poderia ficar debaixo do alqueire:

(...) Mudar de terra, para mim, tem sido sempre um problema; fora outros, reorganizar a minha vida espiritual, em matéria de amor ao Próximo.

Desta vez, pior! Deixarei uma terra relativamente pequena para ir para a cidade o que para mim, «fechada» como sou, me inquieta. Onde irei encontrar quem necessite de mim?... Sei que o Senhor, como das outras vezes, me fará encontrar Irmãos que sofram, mas, até lá, ficarei vazia; compreende?

Não estou habituada àquela «esmolinha» (horrível para mim) a um Doente encontrado na rua ou a um Velhinho. Preciso de mais. Aliás de tudo. Desde o fazer a cama, comer, etc. É isto que aqui faço há onze anos e creia que muito me custa deixar. Se ao fim de algum tempo o Senhor nosso Pai não me der alguém... não sou dos que sabem esperar muito, pois o Céu é como uma escada que se tem de subir e o tempo voa e sem nada fazermos não conseguiremos subir nenhum degrau, lá até ao Cimo, onde Ele nos espera. Temos de ir com as mãos cheias! Caso contrário, como poderei ser Lá recebida?!!!

Envio esta lembrança para a família do caseiro. Permita Deus que a «abelha mestra» regresse muito em breve, pois tanta falta deve fazer.

Que o amor de Deus seja o nosso traço de união...»

Estando em Lisboa, sugerimos que bata à porta Jo Conselho Superior Feminino da Sociedade de S. Vicente de Paulo, Rua Jorge Afonso 31, 1.º Dt.º.

E como «o amor de Deus é o nosso traço de união», até sempre!

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

TODOS OS DIAS — Residem em Cete, aldeia muito movimentada e barulhenta.

É ali... naquele alto que se encontra a casa deste casal; escondida entre o arvoredo para quem passa e as paredes caiadas de um amarelo já debotado são o testemunho de uma vivência unida e modesta.

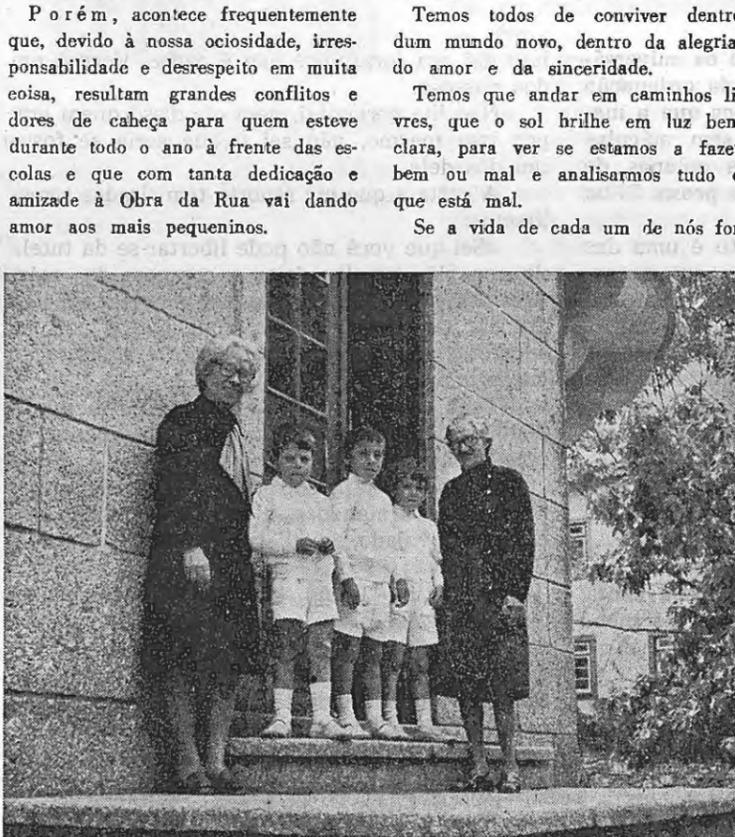
No Inverno, um pouco depois do dia despontar, aí vêm prontamente dar escolta às nossas crianças.

Quando entre estas, uma ou mais, por fraca capacidade em relação às outras, não consegue à primeira vez aprender tudo aquilo que se lhes ensina, há que voltar atrás várias vezes com paciência até que aprendam com eficácia.

Ao meio dia partem para almoçar. O percurso é ligeiro; e regressam às 14 horas para darem outras aulas — as da Telescola.

Já bastante exaustos com os problemas inerentes às crianças da escola, este casal de professores mesmo assim procura permanecer calmo e acessível para que os alunos da Telescola possam efectivamente, durante o período de exploração, ficar a saber melhor o que lhes foi dado pela Televisão, assim como esclarecerem outros problemas e dúvidas das lições trazidas de casa.

Porém, acontece frequentemente que, devido à nossa ociosidade, irresponsabilidade e desrespeito em muita coisa, resultam grandes conflitos e dores de cabeça para quem esteve durante todo o ano à frente das escolas e que com tanta dedicação e amizade à Obra da Rua vai dando amor aos mais pequeninos.



José Carlos, Armelino e o Manuel fizeram a primeira Comunhão. Ao lado deles a D. Sofia — catequista — e D. Virginia.

À noite, nunca terminam as aulas sem que deixem um sorriso franco, próprio de amigo.

Em casa, ainda têm braços para se ocuparem doutros trabalhos que o lar exige e para alimentar seus filhos.

Ninguém sabe...

Ninguém sabe...

Ninguém sabe o que o mar diz à areia

E o vento aos rochedos...

Ninguém sabe o que o mocho diz à noite

E as flores à escuridão...

Ninguém sabe o que a solidão diz ao poeta

E a música ao autor...

Ninguém sabe o que o trevo diz à foice

E a terra ao arado...

Ninguém sabe...!

Ninguém sabe porque hoje as aves não cantam

E as águas dos rios crescem...

Ninguém sabe porque morre o Homem vivo

E a vida nem sempre é vida...

Ninguém sabe porque fiz este poema, Pincel pintando à sorte...

Ninguém sabe...!

Manuel Amândio

«CONVIVER É LUTAR» — Conviver é construir o amor de cada um. Só depois de termos o amor dentro de nós, é que podemos dedicar-nos ao nosso Próximo.

O convívio é uma unidade; dentro dessa unidade está a distribuição do amor pelos convivas.

Pois se todos nós temos uma cabeça para pensar, porque é que não somos sinceros e realistas?

Ser sincero e realista é ser verdadeiro, do mundo que voltará a trazer a paz e o amor aos homens.

Temos todos de conviver dentro dum mundo novo, dentro da alegria, do amor e da sinceridade.

Temos que andar em caminhos livres, que o sol brilhe em luz bem clara, para ver se estamos a fazer bem ou mal e analisarmos tudo o que está mal.

Se a vida de cada um de nós for

cheia de sol, seremos felizes, porque damos as mãos e lutaremos até ao fim.

Bons amigos leitores, este jovem que vos fala, de 18 anos, está cheio de esperança e confiante no País novo.

MAOS À OBRA — Conhecer Pai Américo, é conhecer um mundo novo que nos rodeia. Conhecer uma Obra feita pelo nosso Fundador e meter as suas mãos a essa mesma Obra, é ter amor por ela.

Pois a sr.ª D. Ernestina, que se encontra junto de nós há bastante tempo e gosta muito de cá estar, trabalha na rouparia, com amor, e já fez umas cortinas, cobertas, tã lindas!, para as nossas casas do dormir, ajeitou camisas, etc. Isto quer dizer que meteu as suas mãos a uma obra que ela ama.

Vai ao Porto de vez em quando. Umavez fica mais tempo, outras menos.

Espero que esteja sempre alegre na nossa querida Casa, onde estão também portugueses a lutar para um País novo e a sr.ª D. Ernestina é uma delas.

Agradecemos o que fez, o que está a fazer e o que fará de hoje em diante, na nossa Casa. Muito obrigado.

UM PEDIDO — O nosso Manuel António, que se encontra em Lisboa e que vem cá várias vezes, trouxe para os «Batatinhas» um televisor com «cassetes», muito engraçado.

O pedido que os «Batatinhas» fazem aos nossos amigos leitores, são algumas «cassetes» para este televisor. Muito obrigado.

Fernando Tinoco

SECTURAL

OPINIÃO — «Somos Livres». Este é o título de linda canção interpretada por Ermelinda Duarte que, em minha opinião pessoal, não é de toda uma canção verdadeira.

Isto porque o 25 de Abril de 1974 ainda não chegou a todo o Portugal, ou, se chegou, foi apenas como data para recordar e não como data de libertação.

Se na realidade fôssemos livres, não existiriam (como infelizmente existem) barracas, fome, mingua, mortes, desemprego, etc., etc..

Por toda a parte se fala em produzir mais e melhor, o que equivale a «batalha da produção». Que poderão produzir milhares de desempregados, se não têm onde produzir para ganhar a vida?

Será isso «batalha da produção» ou «batalha do desemprego»? Muito menos isso é democracia e, a propósito, quantos serão os que estão presos inocentemente?

Muitos estavam presos somente porque trabalhavam em departamento fascistas mas, entre eles, há certa



mente muitos que exerciam sua profissão, sem fazer mal a ninguém, somente para ganharem o pão-de-cada-dia.

Bom seria que houvesse averiguações e se soltassem os inocentes.

A isso chamar-se-ia democracia, liberdade.

A palavra liberdade compreende paz, amor, justiça, fraternidade... enfim, uma série de razões idênticas às que Cristo veio ensinar.

A liberdade constrói-se com actos, não com palavras, que são, ao fim e ao cabo, somente palavras que nunca chegarão a ter força capaz de construir algo justo.

Somos livres quando repartirmos, quando perdarmos, quando fizermos justiça, quando compreendermos, quando amarmos...

Foi assim que Cristo construiu a paz em liberdade. Uma paz pura, desejada por muitos mas, infelizmente, não desejada por todos.

Nós, portugueses, se queremos a paz, teremos de a construir.

E como construí-la?...

Será seguindo o método do velho ditado: «olho por olho, dente por dente»?

Não!, não!, e nunca. Dessa forma nunca chegaremos a construir o nosso Portugal. A isso não se chama paz nem justiça. Porque, sem dúvida alguma, onde não há paz, há ódio e o ódio gera desordem, e desordem não é paz.

Qual o melhor método para construirmos a paz?...

Somente seguindo os Mandamentos de Cristo, se conseguirá construir a paz, essa paz que todos (ou quase) desejamos. «Só há liberdade a sério quando houver: paz, pão, habitação, saúde» — é o que diz Sérgio Godinho numa das suas canções, e muito bem. Isso sim, só quando houver paz, pão, habitação, saúde, etc., é que há liberdade a sério.

Cristo foi um revolucionário, mas um revolucionário do amor pelo Próximo. Não um revolucionário (ou reaccionário) como esses que somente causam distúrbios, semeiam pânico, desencadeiam guerras...

Cristo é a origem da Liberdade. Seguindo-O, seremos livres.

Livres de guerras, de ódios, de dissabores, de pecado. Quem segue a Cristo e põe em prática as suas leis, constrói a paz e procura a redenção.

João Maria

Calvário

CAMPO SANTO — No mês de Maio último fez anos que foi reconhecida a necessidade de completar, de certo modo, a acção que o Calvário começou. Foi para dar uma autêntica dimensão humana a tantos carecidos de amparo que este recanto da Obra da Rua, sonhado por Pai Américo, abriu as portas no dia 16 de Julho de 1957 sem grandes alaridos ou pompa. Um ano após a ida para o Pai Eterno, daquele a quem os homens menos capacitados física e socialmente choraram e sentiram a sua partida numa forma que nem vendo, como eu vi, se pode descrever.

Com o decorrer dos anos este meio tornou-se gradualmente abrigo de número cada vez maior de pessoas

vítimas de muitos males físicos e sociais. E como as condições de dar sepultura àqueles que Deus ia chamando não eram as ideais, dada a dificuldade da freguesia onde se situa esta parcela da Obra, albergar tantos chamamentos para a outra Vida, tiveram as pessoas responsáveis de optar por soluções provisórias, após acontecimentos relatados nesse ano, em que oficialmente nada se fez de ajuda concreta, ou pouco.

Mas dada a evidência de factos que demonstraram a necessidade do nosso Campo Santo, este serviria para grandes motivos de reflexão. E muitas vezes, quando por lá vou, penso se os homens de hoje estarão dispostos a reflectir. No mundo de hoje, como ontem, há um certo alheamento do que representa, para tantos, locais como o nosso Campo Santo. Para nós representa muito. E se nós tivéssemos a certeza de que aqueles Irmãos seriam motivos fortes para verificarem bem a fundo o que nos leva a querer tanto ao local!... Ai se nós tivéssemos forças intelectuais e físicas... mas Deus quer que sejamos tal como somos. Mas exigindo o nosso esforço tantas vezes incompreendido dentro e fora deste meio!

Quantas e quantas verdades bem amargas não nos diriam as largas dezenas de Irmãos cujos corpos nós depositámos naquele local?! Tantas «caridades» só depois de este ou daquele aparecem, manifestadas em arranjar desta ou daquela maneira as campas?! E mais e mais... porque está perto da centena e meia de seres humanos que lá se encontram e eram, tantos deles, tudo menos homens dignos, não de «caridadezinhas», mas de autêntica ajuda! Se os homens de hoje se convencerem de que a justiça, a fraternidade e uma compreensão cristã forem banidas da sociedade de que tanto se fala, poderemos contar que haverá cada vez mais enfeitados e desprezados... E, por isso, aumentará o número de Irmãos com histórias como as daqueles que estão no nosso Campo Santo.

Manuel Simões

A Venda do Jornal no Norte do País

PORTO — Vão cinco mil jornais para a cidade do Porto. Nem sempre se vendem todos, visto, por um lado, as pessoas nem sempre comprarem; por outro, a disposição dos vendedores, e também, muitas vezes, os jornais irem mal contados.

Até há quinzenas atrás, umas seis creio eu, nós os vendedores, em geral, vínhamos fazendo variados desvios, entre eles o aninhar jornais. Mas o senhor Padre Carlos teve uma reunião connosco, falando-nos de tudo o que se vinha passando, até ali. Fizemos votos de que iríamos continuar pelo melhor, contribuindo, desta forma, para um melhor andamento da Venda do Jornal.

E isso viu-se, logo na quinzena seguinte, mas, infelizmente voltou novamente ao mesmo, de quinzena para quinzena!

Novamente o senhor Padre Carlos conversou connosco dizendo-nos que andávamos para trás em vez de irmos para a frente.

Tudo voltou à normalidade, mas agora um novo problema, que pode trazer confusões e com elas as dúvidas e até as certezas. É o problema dos acréscimos. Como todos sabem o jornal era a 2\$00 e muita gente, para ajudar a Casa, dava 2\$50. Como

Topámos mais um Auto-Contrutor. Jovem de vinte e poucos anos. Entusiasta. Equilibrado. Seria mais um político de café...

— A obra vai! Agora, fiz uma paragem necessária para ganhar umas massas. Na fábrica, estamos com horas extraordinárias; e a trabalhar o sábado o dia inteiro, para cumprirmos, no prazo marcado, uma

encomenda para a América.

— Mas, daqui a pouco, a moradia voltará a subir?

— Estas massas vão fazer muito jeito! Eu precisava... e não sei onde ir buscar mais dinheiro!

Fizemos contas. Perspectivámos um rumo ao crédito. Suspirámos um ror de vezes!

— Fica prá semana...

Outro, mais acima, contrata

pedreiros. Encomenda materiais. Aproveita as férias. E ele — que nunca ritmou o pedrinha ô, ô pedrinha é — está qualificado em pouco mais de 20 dias de formação acelerada! — Tá a ver? Se não dobrasse as costas e não m'arriscasse a ganhar mais calos nunca a obra subiria; nem tão depressa! Revolucionários!

— O pedrinha ô, ô pedrinha é...

Tem o rés-do-chão quase pronto...

— A placa do primeiro andar não tarda...

E não!

— É a primeira fase?

— Vamos só até onde for possível. Não me posso encastrar demais!

Tornámos a subir. São campos lavrados. Centeio dourado. Batata colhedora. Vindima prometedora... ainda com adegas cheias e vinho a 20\$00 o garrafão!

Contrastes.

Mais acima, outro nerói do fomento habitacional. Ergueu paredes. Fez divisões. Cobriu o telhado. Deixou de pagar renda ao senhorio. Ocupou precariamente o que é seu — amassado em sacrifício incommensurável. Mas só terminará a obra quando estiver livre das amarras dos agiotas.

Nos grandes meios de Comunicação Social, a Auto-Construção espontânea dos meios rurais é praticamente marginalizada, por miopia política ou macrocefalia!

Soubemos da seminarite Saalista, para otimizar soluções...; de mais torres para a ultra-sacrificada gente do Barredo; de concursos para moradias da Previdência; mas não topámos (por azar) grandes caixas sobre o problema específico da Auto-Construção espontânea dos meios rurais!!

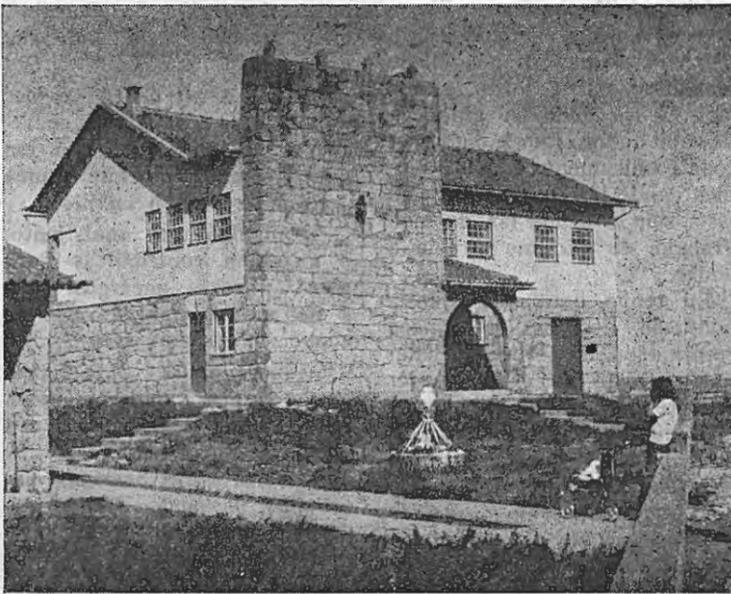
Hoje, como ontem, Portugal é Lisboa, Porto e pouco mais... Valha-nos Deus!

Não vemos, por exemplo, quem se debruce seriamente nas facilidades de crédito — em dinheiro ou materiais — para estes Auto-Construtores. Quem se decida corajosamente, revolucionariamente, a limpar a empatoracia oficial. Não vemos decisões eficazes a nível nacional para se acabar de vez — na actual conjuntura — com as licenças e impostos, das Câmaras ao Fundo do Desemprego! — das maiores afrontas aos Investidores mais descomprometidos deste País.

Miopia. Discriminação. Macrocefalismo.

Vem aí mais um recenseamento habitacional. É preciso. De acordo. Mas vamos deixar apodrecer os cadáveres por mor do Registo Civil...?

Triste realidade! Até quando?



A nossa Colónia de Férias de Azurara (Vila do Conde).

o Jornal passou para 2\$50 os acréscimos baixaram em número bastante elevado. Espero que isto não possa vir prejudicar ninguém, incluindo os vendedores.

AVEIRO — O «Melancia» levava 350 jornais mas, com o andar dos tempos, ele falou ao senhor Padre Carlos, que não se importava de levar 375. Pois leva-os e vende-os todos. Dos vendedores que vendem fora, ele é quem vende mais!

BRAGA — O «Rouxinol» leva 200 jornais para esta cidade. Vende-os todos, portanto nada a dizer contra ele.

ESPINHO — O Ganhão levava 300 jornais e, como os não vendia todos, passou a levar somente 250 e é com muito custo que os vende, mas esperamos que, agora, como é tempo de praias, vamos a ver se ele consegue aumentar a sua venda para mais. Peço aos Espinhenses que comprem «O GAIATO», contribuindo desta forma para uma melhor venda em Espinho. Obrigado.

PÓVOA — O «Melão» leva 200 jornais. Vende-os completamente e poderá vender mais, creio eu, visto a «sua» cidade, nesta altura, ser muito concorrida pelos turistas. Pode deliciar-se algumas horas, porque tem a nossa Casa em Azurara, perto do seu local de venda, e desta forma visitar os seus amigos em férias. E, já agora, aproveito para pedir aos vendedores dos turnos, para não venderem nos locais ocupados pelo «Melão», porque estão continuamente a estragar-lhe a venda. Espero que o meu pedido seja atendido.

VIANA DO CASTELO — O «Girassol» é o mais pobrezinho, porque só leva 100 jornais; poucos mes-

mos, para uma cidade tão bonita e grande.

Vamos lá, «Girassol», não seas tão sorna, vende mais! Peço aos Vianenses para ajudarem o «Girassol» a realizar o seu trabalho da melhor maneira.

O «25 de Abril» passou a vender tanto no Porto, como nos Carvalhos. No Porto, vende da parte de manhã, seguindo à tarde para os Carvalhos, permanecendo aí até domingo à tarde. Passa 180 jornais nesta localidade. Bastante mesmo! está de parabéns.

Morgado

Benevela

Fé

Duvido ter amor por esta Pátria.

O que se passou não sei
Talvez rancor, ou guerra
Ainda me não encontrei.

Só sei que longe dela sou estrangeiro.

Para morrer, morro com ela
Como um ser vulgar.
Talvez mesmo possa lutar.

Para morrer, morro com ela
Como um ser vulgar,
Completo e inteiro!

Não importa a circunstância
O lugar nem a distância.

Solano

Júlio Mendes

DUAS DATAS

Cont. da PRIMEIRA página

capaz de comover almas pelo que faz e diz, sem a sinceridade consigo próprio. Mais. Porque é que este Irmão da Igreja Reformada escreve cartas assim? De onde a sua có-moção? Sinceridade. Por amor da minha sinceridade.

Ora vamos aqui a um bocadinho de doutrina. Antes de o fazer, peço perdão de me ocupar da minha tão ilustre e falada pessoa. É preciso. Estava eu na minha mocidade, a ganhar o pão fora da nossa terra. Éramos muitos empregados: navegação marítima, navegação fluvial, caminhos de ferro, oficinas, escritório — um mundo. Católicos, dois. Um irlandês e um português. Os mais, protestantes de várias seitas. Eram muitos, naquele tempo, os dias santos de guarda. Eram muitos os nossos trabalhos nesses dias. Pois bem. O director da casa, um calvinista, entrava no meu escritório, batia-me no ombro de mansinho e dizia: «The bell rang». Era um dia santo de guarda. Tinha tocado o sino prá Missa. «Tocou o sino.» Não me mandava ir. Punha-me absolutamente à-vontade; a mim o determinar-me. Ora eu sou desta escola.

Os tempos andaram. Deixei a vida que tinha e fiz-me, mercê de Deus, sacerdote católico. Eu sou do Papa. Apenas ordenado de presbítero, fui enviado pelo meu Superior reger a capela de um sítio, posta, então, ao culto. Havia no lugar um Pastor protestante em exercício. Esperava-se que o padre

católico verberasse do altar. Nunca a minha santa boca se abriu para mais nada que não fosse a homilia à estação da Missa — nunca. O Pastor desapareceu. O barracão aonde ele pontificava teve outro uso.

Se me tivessem mandado refutar a doutrina protestante, tê-lo-ia feito. Não mandaram. Nunca o fiz. Preguei a Igreja Católica. Gosto de ser mandado. De vez em quando, costumo ir ter com o meu Bispo a perguntar se vou bem. Não escolho o mais sábio; pode ser que haja outros mais sábios do que o meu. Não se me dá. Não é da minha conta. Vou àquele a quem devo obediência e Ele, a mim, vigilância. O meu Bispo. «Ande lá.» Eis as minhas credenciais. Nunca o meu Bispo me disse outra coisa: «Ande lá!» Eu cá ando. A grandeza de tudo quanto faço e digo vem toda e unicamente daquele simples «ande lá», porquanto, sem isso, sem o «ande lá» do meu Prelado, eu não me atrevia a andar.

Eu tenho para mim que a confusão dos nossos Irmãos reformados hasce toda, justamente, nisto de cada um ler e entender como lhe apraz. Não querem mandões para se tornar cada chefe em um mandão. Eu porém não leio nem entendo assim. Gosto de obedecer. Gosto da autoridade. «Ande lá.» Não preciso de mais nada.

Nem outra foi a fórmula do Mestre aos que chamou: «Anda cá! Deixa as redes e anda». Tudo simplicidade. (In «O Gaiato» n.º 89 de 26/6/947)

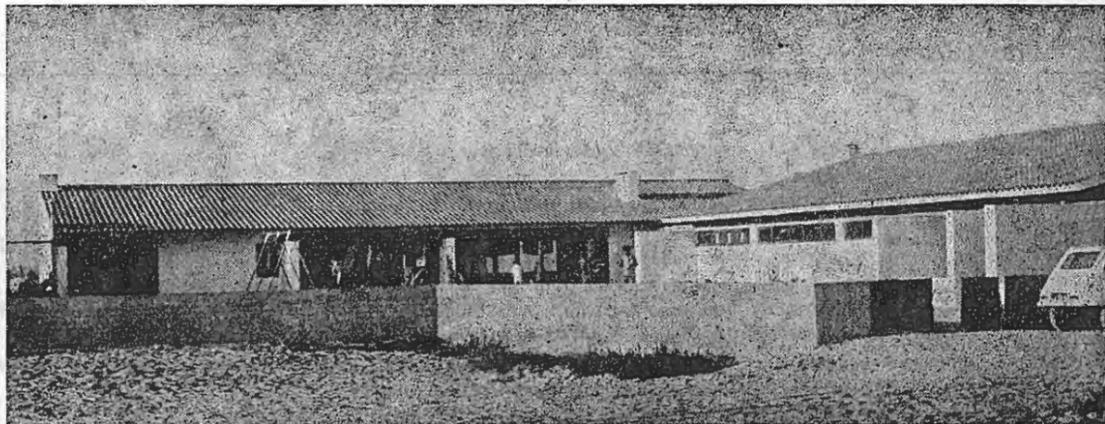
da Europa». A mãe de dois que eu tenho — um ná oito anos e outro há dois — veio de Lisboa num táxi visitar os filhos pela primeira vez há pouco tempo; pois o negócio é mais rendoso!

É a pornografia e o erotismo agora à-vontade a circular de mão em mão derretendo todos os valores que perservam a Natureza.

É uma onda de ódio e de violência expandida pelos meios de Comunicação Social que não se coibem de explorar todas as calúnias contanto que favoreçam os ideais que os norteiam atacando pessoas. E instituições de uma forma generalizada e adolescente. É uma crise de nervos, de angústia, de negativismo que rebenta com todos os belos ideais da Juventude, a desarticula e a atira para o escorregadio campo da marginalidade.

Não quero ser negativo. É ainda tempo de se acordar para um caminho de construção. Tenho todo o direito a esperá-lo e, mais, a exigí-lo.

Padre Acílio



Vista geral da nossa Colónia de Férias na Praia de Mira.

O nosso Jornal

Uma carta de Lisboa:

«Meus bons Amigos:

Ao ter conhecimento do aumento das tarifas dos Correios, meu coração mais uma vez estremeceu!

Lá vai o «O GAIATO» ser agravado com mais este encargo, e isto numa ocasião em que ele mais do que nunca precisa de todo o auxílio.

A migalha que aqui junto, é a minha contribuição para suavizar esses encargos, pois é nas horas amargas que se conhecem os amigos.

O que acima de tudo é preciso é que o «Famoso» nunca falte!... Pois onde iríamos nós encontrar outra fonte para nos ajudar nas horas amargas que estamos passando e que nos desse a esperança de que melhores dias ainda virão?

Desculpem ser tão pouco ge-

Próximo Lançamento

«O LODO E AS ESTRELAS»

Cont. da PRIMEIRA página

contra a vontade de muitos cristãos e homens de boa vontade deste País.

«Sabes a história da primeira parte, na primeira edição» — afirma Padre Telmo, à laia de prefácio. «Uma gota d'água causou susto! A esta gota d'água junto em segunda parte uns fios de espuma tecidos em Angola. Com desejo profundo e intenso de mais compreensão e amor entre os homens, de mais justiça e paz».

São páginas de beleza poética, no concreto da vida; tingidas de sangue, suor e lágrimas de muitos que sofreram, ou ainda sofrem, as consequências da Miséria imerecida e da guerra colonial. São gritos de amor, justiça e paz. São o Evangelho no meio dos Pobres. É «O LODO E AS ESTRELAS»!

Júlio Mendes

neroso, mas correm maus tempos para muita gente.

Para todos um grande abraço do muito amigo...

Outra, do Porto:

«Cheia de vergonha pela enorme falta cometida em não cumprir, a tempo e horas, o meu dever de pagar a assinatura de «O GAIATO» bem

como os valiosos livros enviados, venho pedir-vos perdão e satisfazer o meu débito. Para isso junto envio mil escudos pedindo-vos que não risqueis nunca o meu nome da vossa Editorial cujos livros eu muito aprecio e estimo.

Peço a Deus as Suas melhores bênçãos para a vossa Obra.»

RECORTE

Voltar ao princípio?

Cristo convidou-nos a que nos amemos uns aos outros, a que nos ajudemos materialmente e moralmente, para que venha o reino da Sua justiça.

O coração dos homens do nosso tempo é tão generoso como antigamente. Ele pode ser tocado com a condição de ser informado. Esta informação deve ser séria: honestamente, devemos considerar todas as formas de servidão, de alienação do homem na sociedade moderna. Convidamos todos os irmãos a unirem-se a nós numa acção de partilha e de libertação, que conduzimos com os mais desprotegidos e por eles.

Seria presunçoso pretender fazer a revolução para os outros se a não fizermos no interior de nós próprios, da nossa Sociedade de S. Vicente de Paulo, para melhorar as nossas motivações espirituais e a qualidade do nosso serviço. É preciso evitar recair em certos erros do passado, tais como o «paternalismo», de que, com a melhor das intenções do mundo, não nos apercebemos que conduzia na maior parte das vezes ao desprezo.

Alguns pensaram que, depois de cento e quarenta anos, uma

acção como a da nossa Sociedade de S. Vicente de Paulo faria desaparecer a miséria, levaria a uma sociedade equitativa e justa. Sabemos perfeitamente hoje que tal não é verdade. Tal não será razão para que fiquemos inactivos. Sabemos que o teste da nossa sinceridade é a acção.

Saibamos avaliar as necessidades e as nossas possibilidades e conservemo-nos atentos às modificações que afectam constantemente o mundo, a fim de lhe não oferecermos um serviço ultrapassado e ineficaz.

Para tanto é preciso admitir a flexibilidade da nossa estrutura e reforçar a sua capacidade de adaptação, graças a um respeito profundo pelas autonomias locais e nacionais, a um exercício interno da democracia que conduza a uma partilha real das responsabilidades.

Mas é em Cristo que a nossa unidade se manifestará, porque tudo o que fizermos é com Ele que o faremos. Que os trabalhadores sejam numerosos, pois a tarefa é 'mensa.

(In «ESCALADA» — Folha de ligação do Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo)



Cont. da PRIMEIRA página

existir gritou-o Pai Américo com toda a paixão da sua alma dorida pela situação dos marginalizados desde os primeiros momentos desta Obra. Temo-lo dito repetidíssimas vezes dos mais variados modos. E ninguém como nós suspirava que elas desaparecessem por desnecessárias — tão cansados e tão derreados de sofrimento andamos!...

Não lavamos as mãos!, com frases ou ideias feitas! Mergulhamos na triste realidade e ela torna-se cada vez mais dura!

É a prostituição num desenfreado pavoroso e incontido na liberdade «do país mais livre



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa